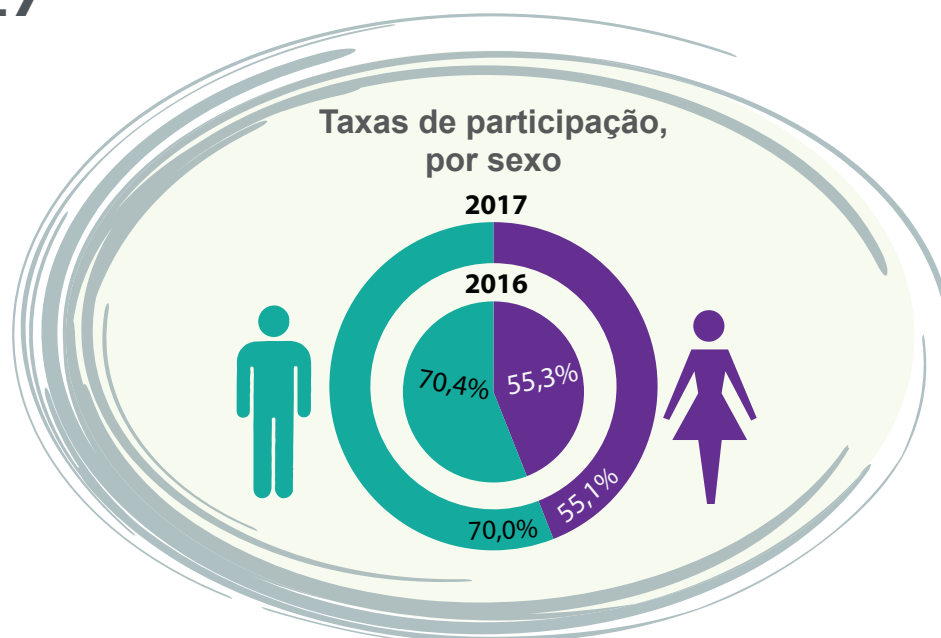


Mulheres no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo em 2017



Desde final dos anos 1990, a Fundação Seade, em parceria com o Departamento Intersindical de Estudos Socioeconômicos – Dieese, vem acompanhando indicadores sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho, com publicações específicas sobre o tema. O presente estudo divide-se em duas partes: a primeira apresenta o comportamento das mulheres no mercado de trabalho, em 2017; e a segunda trata daquelas mulheres que criam novos empregos para si, o chamado empreendedorismo feminino, também com dados de 2017. Elas constituem mais de um terço dos empreendedores na RMSP e conhecer seu perfil é importante para que se possa melhor direcionar políticas públicas voltadas para a inserção feminina no mercado de trabalho na região.

MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO

A presença das mulheres no mercado de trabalho intensificou-se ao longo do tempo, mas, no período mais recente, de crise econômica, houve pouca alteração. A taxa de participação feminina¹ na Região Metropolitana de São Paulo, que era 44,7%, em 1985, início da pesquisa, chegou a 55,3%, em 2016, e a 55,1%, em 2017. Mais homens

1. Proporção de mulheres com dez anos ou mais de idade inseridas no mercado de trabalho como ocupadas ou desempregadas.

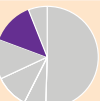
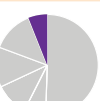
do que mulheres saíram do mercado de trabalho nesse ano de crise econômica. Parte dos fatos que explicam a retração nos dois segmentos populacionais já vinha ocorrendo e só pode ser entendida se consideradas situações como o adiamento da entrada dos jovens no mercado de trabalho e a saída dos mais velhos com a aposentadoria, além de, mais recentemente, uma possível espera por melhora da economia para o (re)início da procura ativa por trabalho.

Em 2017 houve, efetivamente, mais fechamentos do que criação de postos de trabalho. O nível ocupacional das mulheres, que vinha crescendo continuamente até 2012, diminuiu nos últimos três anos. Entre 2016 e 2017, a redução de 1,1% do nível de ocupação feminino ocorreu na indústria, construção, comércio e serviços – mais especificamente no de transporte. Segundo posição na ocupação, reduziram-se os contingentes de empregadas domésticas mensalistas ou diaristas e das assalariadas com carteira de trabalho assinada.

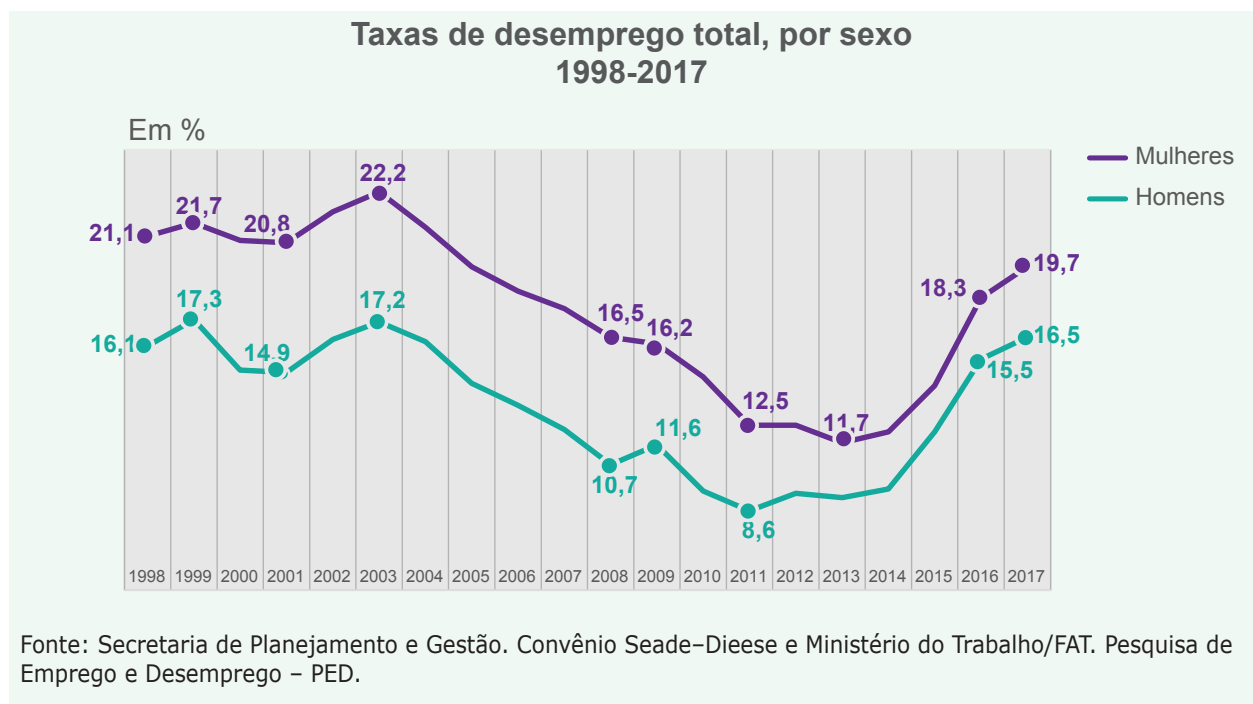
Distribuição e variação do nível de ocupação feminino, segundo os principais setores de atividade 2016-2017

Principais setores de atividade jun. 2017	Distribuição 2017	Variação 2017/2016
 INDÚSTRIA	10,4%	-4,8%
 CONSTRUÇÃO	0,6%	-26,5%
 COMÉRCIO	16,0%	-1,7%
 SERVIÇOS	72,2%	-0,4%

Distribuição e variação do nível de ocupação feminino, segundo posição na ocupação 2016-2017

Posição na ocupação	Distribuição 2017	Variação 2017/2016
Assalariadas com carteira no setor privado	50,5% 	-2,1%
Assalariadas sem carteira no setor privado	6,9% 	3,6%
Assalariadas no setor público	10,6% 	0,0%
Autônomas	12,7% 	3,9%
Empregadas domésticas	13,3% 	-6,7%
Demais (donas de negócio familiar, profissionais universitárias, empregadoras, etc.)	6,0% 	3,8%

O resultado do desempenho negativo do nível ocupacional feminino – mesmo que concomitante ao pequeno decréscimo da taxa de participação – foi o aumento da taxa de desemprego das mulheres, que passou de 18,3%, em 2016, para 19,7%, em 2017. Esse acréscimo deveu-se às taxas de desemprego aberto (de 15,9% para 16,8%) e oculto (de 2,4% para 2,9%).²



Os rendimentos do trabalho, aqui considerados por hora devido aos diferenciais de jornada de trabalho entre mulheres e homens,³ tiveram perdas consideráveis ao longo dos anos. Entre 2016 e 2017, no entanto, o rendimento médio real por hora apresentou pequena variação positiva de 1,2% para as mulheres, passando para R\$ 10,79, valor equivalente a 87% do recebido pelos homens (R\$ 12,42). Para eles, registrou-se variação negativa de 2,1%, em 2017, o que fez com que a remuneração de mulheres e homens se aproximasse ligeiramente, uma vez que aquela relação era um pouco menor em 2016 (84%).

Rendimento médio real por hora, segundo sexo

	Mulheres	Homens
1998	R\$ 13,31	R\$ 17,90
2016	R\$ 10,66	R\$ 12,68
2017	R\$ 10,79	R\$ 12,42

Em 2017,
as mulheres ocupadas
tinham jornada média
semanal de 38 horas
e os homens,
de 43 horas.

2. A taxa de desemprego total é composta pelas taxas de desemprego aberto e oculto. A taxa de desemprego aberto retrata a situação em que o indivíduo procurou uma ocupação no período recente e não realizou nenhum trabalho enquanto fazia a procura. A taxa de desemprego oculto se divide nas taxas de desemprego oculto pelo trabalho precário e pelo desalento. A primeira se caracteriza pela procura efetiva no período recente, concomitantemente ao exercício de algum tipo de trabalho irregular. A taxa de desemprego oculto pelo desalento retrata a situação em que houve procura em um período mais amplo e que foi interrompida por desalento, embora a pessoa ainda necessite e esteja disponível para trabalhar.

3. Em 2017, as mulheres ocupadas tinham jornada média semanal de 38 horas e os homens, de 43 horas.

PERFIL DAS EMPREENDEDORAS NA RMSP

A expansão da participação da mulher no mercado de trabalho foi marcante nas últimas décadas, embora não acompanhada pela equidade de gênero. As dificuldades de sua inserção laboral são amplamente conhecidas, como os menores rendimentos em relação aos homens e as dificuldades em adentrar nichos reconhecidos como masculinos.

O caso das mulheres empreendedoras não é diferente. Não há consenso sobre o conceito de empreendedorismo, nem em seu caráter emancipador. Por ser um fenômeno social, existe profunda influência nas diferentes formas que pode assumir nos diversos países. Se para sua compreensão é importante observar o grau de desenvolvimento do país e sua atual situação socioeconômica, também deve-se atentar para o perfil do empreendedor, de forma a delinear as influências que levam o indivíduo para o autoemprego ou o assalariamento.⁴

A base de dados da PED possibilita amplo acesso às informações sobre a posição na ocupação dos indivíduos, aqui utilizada para melhor compreender o empreendedorismo feminino. Para efeito desse estudo, buscou-se aproximação com definição amplamente aceita internacionalmente,⁵ e considerando-se a heterogeneidade de situações que esse tipo de ocupação possa assumir, inclusive com suas diferenças de aporte de capital e exigências de escolaridade.

Aqui foram consideradas empreendedoras as mulheres ocupadas como profissionais liberais autônomas, empregadoras, donas de negócio familiar, autônomas que trabalham para o público em geral e autônomas que trabalham para mais de uma empresa, situações que as distanciam do assalariamento com e sem carteira assinada e dos casos em que há relação de subordinação.

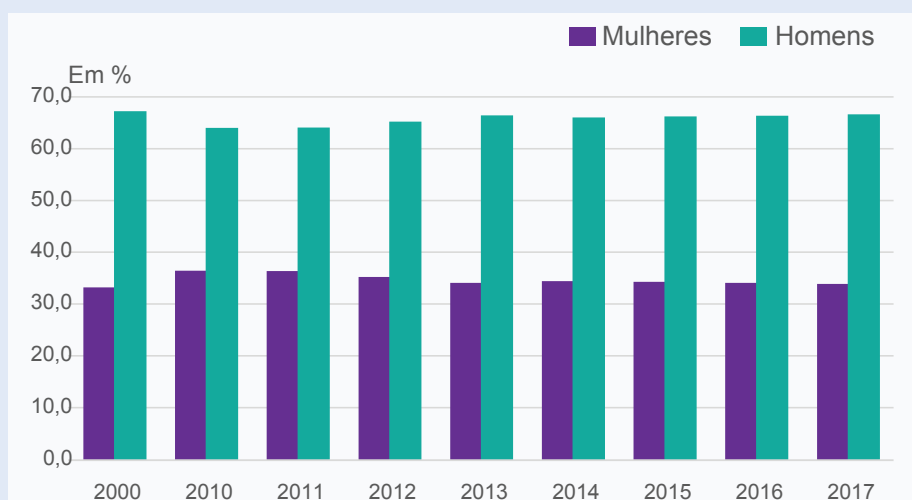
No total de mulheres ocupadas, 6,7% eram empreendedoras, em 2017, proporção menor do que entre os homens ocupados (13,3%).

Ao se observarem somente os empreendedores, as mulheres eram minoria diante dos homens (em 2017, elas eram 33,4% do total de empreendedores na RMSP, enquanto os homens representavam 66,6%) e mantêm certa estabilidade de sua participação a partir de 2010, acompanhando o que ocorre entre o total de ocupadas.

4. Segundo o Global Entrepreneurship Monitor – GEM, o principal indicador de desenvolvimento do empreendedorismo no Brasil é a “relação entre o empreendedorismo por oportunidade X por necessidade. Essa relação mostra que para cada negócio aberto por necessidade – motivado, por exemplo, pelo desemprego – pouco mais de dois foram iniciados porque os empresários enxergaram uma oportunidade no mercado.” VIEIRA, Vanderley Lopes; PINHEIRO, Matheus Alves; GOMES, Willyam Rodrigues. Empreendedorismo feminino: um estudo bibliográfico sobre as características e perfil das mulheres empreendedoras. XII Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica. Quixadá: Centro Universitário Católico de Quixadá, 2016. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.fcrs.edu.br/index.php/eedic/article/view/936/677>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

5. O GEM reúne importante base de dados estatísticos comparáveis internacionalmente, possibilitando medir o nível empreendedor de cada país, com estudos de sua relação com o crescimento econômico. O empreendedorismo é definido como “qualquer tentativa de novos negócios ou criação de novas empresas, tais como emprego próprio, uma nova organização empresarial ou a expansão de uma empresa já existente, seja por um indivíduo, uma equipe de pessoas, ou por um negócio estabelecido” (Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2016). How GEM Defines Entrepreneurship. Retirado de <<http://www.gemconsortium.org/wiki/1149>>).

Distribuição dos empreendedores (1), por sexo 2000-2017



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e Ministério do Trabalho/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Compreende os profissionais liberais autônomos, empregadores, dono de negócio familiar, autônomo que trabalha para o público e autônomo que trabalha para mais de uma empresa.

Há diversas abordagens focadas na valorização das características consideradas femininas que determinariam as escolhas das mulheres por nichos distintos aos dos homens para o exercício desse tipo de ocupação e com diferentes soluções para problemas de gestão de negócios. Independentemente desse tema controverso, sabe-se que as atividades empreendedoras exercidas por elas estão mais ligadas a educação, serviços e algumas relacionadas ao varejo – nem sempre valorizadas do ponto de vista do desenvolvimento e crescimento econômico⁶ e centradas no estereótipo de gênero; além do tipo de experiência adquirida ao longo da vida e aquelas ligadas às discriminações no mercado de trabalho, ao nível e tipo de escolaridade e diferenciais de acesso ao capital disponível para o exercício da atividade.

A influência de jornada adicional ligada aos afazeres domésticos (no cuidado da casa, dos filhos e idosos), ainda sob ampla responsabilidade das mulheres, faz com que elas optem, quando possível, por trabalhar próximo à residência e com jornadas reduzidas e não necessariamente lineares, situações mais possibilitadas pelo empreendedorismo do que pelo assalariamento, em função das características da atividade (a jornada média semanal das empreendedoras era de 38 horas, três horas a menos do que a das assalariadas, em 2017).⁷

6. SILVA, Michelle Serpa. *Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil: aplicação de um modelo de escolha ocupacional usando micordados da Pnad de 2015*. Porto Alegre. 2017. Dissertação apresentada à Escola de Negócios.

7. "De acordo com Alvarez et al. (2012) a dedicação ao trabalho doméstico diminui a probabilidade da mulher empreender em 33,1%, sendo que para os homens diminui somente 2,4 MERHY, S. B. *Gênero e empreendedorismo no mundo: fatores de influência em economias de diferentes continentes e níveis de rendimento*. Bragança-Portugal, fevereiro de 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/14242/1/Stephanie_Dissertac%CC%A7a%CC%83o%20%28FINAL%C3%8DSSIMA%29.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2018.

Há extenso referencial sobre empreendedorismo que considera que os atributos pessoais influenciam ou diferenciam o comportamento empreendedor, os quais, somados ao momento econômico, facilitariam ou dificultariam tanto a oportunidade de abertura do empreendimento como seu êxito. No caso das mulheres, a faixa etária, nível de escolaridade e rendimentos diferenciam-se em relação aos dos homens.

No auge da vida produtiva (de 25 a 49 anos), as mulheres (58,1%) apresentam maiores proporções de empreendedorismo do que os homens (56,9%), enquanto após os 50 anos esse comportamento se inverte, quando os homens exercem mais essa atividade (38,1%) do que as mulheres (36,2%).

A escolaridade é um diferencial das empreendedoras, embora seja tendência da população feminina em geral e das mulheres inseridas no mercado de trabalho em especial terem mais anos de estudo em relação aos homens. Entre as empreendedoras, 67,0% possuem ensino médio ou superior completo (entre os homens essa proporção é de 54,3%), o que pode ser associado também à maior proporção de mulheres profissionais liberais autônomas, o que requer ensino superior.

**Distribuição dos ocupados empreendedores, por sexo,
segundo posição na ocupação
2017**

Em %

Posição na ocupação	Empreendedores		
	Total	Homens	Mulheres
	100,0	100,0	100,0
Autônomo	68,7	70,2	65,6
Para várias empresas	7,3	8,3	(1)
Para o público	61,4	61,9	60,3
Empregador	14,4	15,7	11,9
Profissional liberal	6,7	5,2	9,8
Dono de negócio familiar	10,1	8,9	12,6

Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e Ministério do Trabalho/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

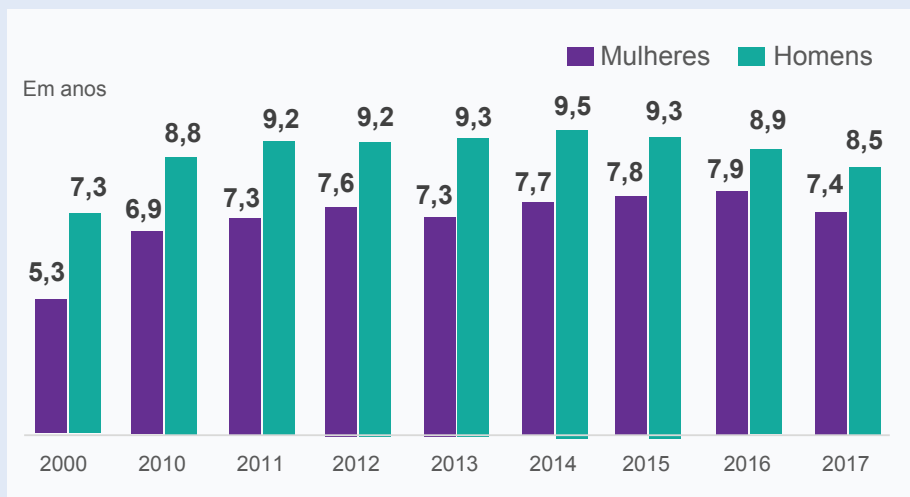
(1) Compreende os profissionais liberais autônomos, empregadores, dono de negócio familiar, autônomo que trabalha para o público e autônomo que trabalha para mais de uma empresa.

Os rendimentos dos ocupados na RMSP seguem a tendência mundial, com os homens ganhando mais do que as mulheres, independentemente do nível de escolaridade, ou seja, nem sempre mais anos de estudo refletem em rendimentos maiores para as mulheres, na comparação com os homens. Entre as empreendedoras não é diferente, pois elas não se beneficiam de rendimentos maiores que o autoemprego poderia proporcionar: este se assemelha ao obtido entre as assalariadas em geral (as empreendedoras recebiam, em 2017, R\$ 10,14 por hora, contra R\$ 10,04, do total de assalariadas), de forma diferente do que ocorre com

os homens, cujos empreendedores obtêm rendimentos maiores (R\$ 11,74 por hora entre os assalariados e R\$ 13,50 entre os empreendedores).

Outro diferencial importante diz respeito ao tempo médio de duração do trabalho empreendedor feminino, que é menor do que o dos homens, mas superior ao do total de assalariadas. Assim, as mulheres exercem o trabalho de empreendedoras um ano e um mês a menos do que os homens, mas permanecem dois anos e dois meses a mais nessa atividade do que o total de assalariadas.

Tempo médio de trabalho como empreendedor (1), segundo sexo 2000-2017



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e Ministério do Trabalho/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Compreende os profissionais liberais autônomos, empregadores, dono de negócio familiar, autônomo que trabalha para o público e autônomo que trabalha para mais de uma empresa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, apesar de receber rendimentos menores do que os dos homens, a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho nas últimas décadas tem lhes proporcionado melhores rendimentos do que obtinham até a década de 1970, lentamente ascendendo a ocupações mais valorizadas e, da mesma forma, adentrando em nichos masculinos, para o que contribuiu o aumento da escolaridade.

À procura de trabalho impulsionada por necessidades econômicas somou-se a busca pela independência financeira e autonomia. Apesar de muitas vezes ser uma forma de driblar o desemprego ou a intermitência do trabalho, aqui se insere o empreendedorismo, por se tratar de trabalho independente, em que as mulheres, a despeito dos ciclos econômicos diferenciados pelo qual o país passou na atual década, mantiveram um patamar de participação mais estável do que o dos homens e permaneceram mais tempo nele.

EMPREENDEDORES NA ECONOMIA CRIATIVA

Distribuição dos ocupados empreendedores na economia criativa, por sexo 2011 a 2017

Em %

Grupos de economia criativa	Empreendedores na economia criativa		
	Total	Homens	Mulheres
Total	100,0	53,7	46,3
TI	100,0	85,3	14,7
Edição e impressão	100,0	75,7	24,3
Audiovisual	100,0	78,5	(1)
Publicidade e propaganda	100,0	62,5	37,5
Moda	100,0	30,1	69,9
Artes	100,0	78,3	21,7

Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e Ministério do Trabalho/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

- A economia criativa vem se destacando pelo papel estratégico no desenvolvimento e como nova possibilidade de inserção laboral pelo seu crescimento mais intenso em comparação com outros setores da economia, além de pagar maiores rendimentos. A possibilidade de ocupações sem vínculos empregatícios, como autônomas ou profissionais liberais, muitas vezes conhecidos como *freelances*, é amplamente utilizada nesses setores.
- Entre as mulheres, a publicidade e propaganda, seguida da edição e impressão, são importantes para a inserção das empreendedoras, além das artes. Chama a atenção a pequena participação na Tecnologia da Informação, ainda um setor predominantemente masculino.
- A moda é o principal nicho feminino das empreendedoras, sobretudo costureiras, e geralmente de baixa remuneração.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO Secretaria de Planejamento e Gestão

SEADE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
Av. Prof. Lineu Prestes, 913 Cidade Universitária
05508-000 São Paulo SP Fone (11) 3324.7200
www.seade.gov.br / sicseade@seade.gov.br / ouvidoria@seade.gov.br

DIEESE

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS
Rua Aurora, 957 3º andar República
01209-001 São Paulo SP Fone (11) 3821.2140
www.dieese.org.br / en@dieese.org.br

Apoio: Ministério do Trabalho. Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT.
Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho – Sert.



Governador do Estado

Geraldo Alckmin

Vice-Governador do Estado

Márcio França

Secretário de Planejamento e Gestão

Marcos Monteiro

SEADE

Diretor Executivo: Dalmo Nogueira Filho

Diretor-adjunto Administrativo e Financeiro: Silvio Aleixo

Diretora-adjunta de Análise e Disseminação de Informações: Rovená Negreiros

Diretora-adjunta de Metodologia e Produção de Dados: Margareth Izumi Watanabe

Chefe de Gabinete: Sérgio Meirelles Carvalho

Conselho de Curadores: Presidente Carlos Antonio Luque

Conselheiros: Antonio de Pádua Prado Junior, Carlos Antonio Gamero, Eduardo de Rezende Francisco, Eugenia Troncoso Leone, José Antonio Parimoschi, José Carlos de Souza Santos, Márcia Furquim de Almeida, Vladimir Kuhl Teles

Conselho Fiscal: Mirella Micioni, Mirtes Lika Tukada, Nelson Ferreira Simões

Diretoria Adjunta de Análise e Disseminação de Informações

Vagner de Carvalho Bessa (gerente de Indicadores Econômicos)

Responsável técnico: Alexandre Jorge Loloian

Equipe técnica: Leila Luiza Gonzaga, Marcia Halben Guerra e

César Andaku (Dieese)

Diretoria Adjunta de Metodologia e Produção de Dados

Maria Paula Ferreira (gerente de Metodologia e Estatística)

Equipe técnica: Susana Maria Frias Pereira, Edna Yukiko Taira e

Neuci Arizono

Coordenadoria de Comunicação

Regina Souza Cintra

Assessoria de Editoração e Arte

Programação visual: Cristiane de Rosa Meira, Elisabeth Erhardt, Tânia Pinaffi Rodrigues

Preparação de texto: Rita Bonizzi e Vania Regina Fontanesi

Revisão de texto: Maria Aparecida Andrade



BOLETINS SOBRE MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

O Mercado de Trabalho Feminino na RMSP

Inserção da Mulher no Mercado Formal de Trabalho no Estado de São Paulo, entre 2000 e 2002: uma abordagem regional

Aposentadas e Mulheres de 40 Anos e Mais no Estado de São Paulo – 1992-2003

O Trabalho Doméstico na RMSP

Trabalho e Desigualdades de Gênero na RMSP

Inserção das Mulheres com Escolaridade Superior no Mercado de Trabalho

O Trabalho das mulheres – mudanças e permanências – RMSP

SEADE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade

Av. Prof. Lineu Prestes, 913 – Cidade Universitária

05508-000 São Paulo SP

Fone (11) 3324.7400

www.seade.gov.br

sicseade@seade.gov.br / ouvidoria@seade.gov.br

Acesse: www.seade.gov.br